

O Novo Coronavírus e o povo indígena Apurinã¹

The New Coronavirus and the Apurinã indigenous people

El Nuevo Coronavirus y el pueblo indígena Apurinã

*Francisco Apurinã**

Recebido em: 04/05/2021

Aceito em: 29/10/2021

Resumo

A relação assimétrica entre o licenciamento ambiental e a licença dos espíritos, que são ligados aos ambientes físicos e metafísicos, humanos e não-humanos, tem início quando os empreendimentos são construídos em cima de lugares que são sagrados para nós Apurinã, como cemitérios ancestrais, pedras, rios, rochas e outros ambientes que são verdadeiras moradias de agências xamânicas controladoras desses espaços. Essas agências são responsáveis pela manutenção do cosmos e do equilíbrio das espécies vivas, mas são também fontes que alimentam e nutrem os corpos, mentes e nossos espíritos. Quando esses lugares e guardiões são desrespeitados ou insultados, eles vão embora ou reagem por meio daquilo que os cientistas chamam de mudanças climáticas, aquecimento global e mais recente de antropoceno.

Palavras-chaves: Apurinã; Espírito; Impactos; Natureza; Território.

Abstract

The asymmetric relationship between environmental licensing and the license of spirits, which are connected to the physical and metaphysical, human and non-human environments, takes place when projects are built on top of places that are sacred to us Apurinã, such as ancestral cemeteries, stones, rivers, rocks, and other environments that are true dwelling places of shamanic agencies who have control over those. Furthermore, these agencies are responsible for the maintenance of the cosmos and the balance of living species, and, additionally, they are also sources that feed and nourish our bodies, minds and spirits. As these places and guardians are disrespected and insulted, they vanish or react

* Doutor em Antropologia/UnB. E-mail: fr.apurina@gmail.com

in ways described by scientists as climate change, global warming, and more recently, the Anthropocene.

Key words: Apurinã; Spirit; Impacts; Nature; Territory.

Resumen

La relación asimétrica entre la licencia ambiental y la autorización de los espíritus, que están conectados a los contextos físicos y metafísicos, humanos y no-humanos, tiene inicio, cuando los emprendimientos son realizados sobre lugares, que son sagrados para nosotros los Apurinã, como cementerios ancestrales, piedras, ríos, rocas y otros contextos, que son verdaderas moradas de las agencias chamánicas, que tienen el control de esos espacios. Estas agencias son responsables de la manutención del cosmos y del equilibrio de las especies vivas, y, adicionalmente, son también fuentes que alimentan y nutren nuestros cuerpos, mentes y espíritus. Cuando estos lugares y guardianes son irrespetados o insultados, desaparecen o reaccionan mediante lo que los científicos llaman cambio climático, calentamiento global y, más recientemente, Antropoceno.

Palabras claves: Apurinã; Espíritu; Impacto; Naturaleza; Territorio.

Os povos originários² mantêm relações com diversos seres da natureza, com sociedades terrenas, aquáticas, cósmicas e subterráneas, as quais se organizam em coletivos como humanos, sendo vistos ou não. Muitos desses seres habitantes de diferentes cidades e aldeias não fazem parte deste plano físico chamado terra, no entanto, eles são vitais para a existência, continuidade e manutenção do planeta, da humanidade e de outros seres existentes. Nossas relações com esses lugares e com seus habitantes são necessárias e fazem parte do cotidiano dos povos originários, mas infelizmente um grupo de pessoas *desavisadas* ou *perdidas* estão invadindo e destruindo muitas dessas habitações e seus moradores, consideradas residências dos espíritos dos pajés e de seres celestes.

Esses lugares têm donos e guardiões protetores de seres que ali habitam. Geralmente esses guardiões são os espíritos dos *kusanaty* (pajés³) personificados na pele da cobra, boto, jacarés, onça, mapinguari e outros. Para adentrar esses territórios, faz-se

necessário o uso de algumas etiquetas básicas como, por exemplo, respeitar e tratar bem os moradores, pedir licença para entrar e estabelecer uma relação de alteridade e respeito. Caso contrário, a natureza irá responder por meio da reação violenta desses espíritos guardiões, causando doenças e até mesmo a morte das pessoas.

Os *kusanaty* Apurinã não morrem, apenas atravessam para o outro lado do rio, eles podem continuar neste ou em outros mundos, em corpo de gente ou de qualquer outro ser, visto ou invisível, vai depender tão somente do contexto, de seus objetivos e intencionalidades. Aqui ou lá, em corpo de gente ou no corpo de qualquer animal, visto ou não, eles dispõem das mesmas faculdades e poderes.

Segundo *Katãwiry Apurinã*⁴ (*In Memoriam*), os *kusanaty*, quando se transformam em cobra ou em outro bicho, momento que muita gente pensa que eles morreram, vão ser donos e proteger diferentes lugares na terra, na água e no ar, como os lagos, rios e igarapés. Já outros vão direto para o *kymyrury* (lugares sagrados). Enquanto outros vão habitar outros mundos, como o mundo dos encantados, o mundo dos espíritos das onças. Outros irão para o andar de cima, morar com *Tsura*⁵ (demiurgo). O local a ser habitado vai depender do grau de poder que cada um tem. Eles são muitos, eles nunca se acabam – sempre vão existir. Muitas pessoas não acreditam, mas são eles que causam alagamentos, terremotos, deslizamentos de terra, toda essa destruição na terra, que causa a morte de muita gente. Quando isso acontece, são os *kusanaty* com raiva do que os *kariuas* (não-indígenas) estão fazendo com a criação de *Tsura*. Tem um momento certo que todos eles se juntam no *kymyrury* e quando isso acontece, é para fazer festa, o nosso *kyynyry*. Eles dizem assim: “*aunty karakãmãry kyynyry*”. Essa festa é feita no próprio *kymyrury*.

Vejamos o que disse o líder Yanomami, Davi Kopenawa

sobre esse assunto:

Assim, meu sogro costuma dizer: ‘Você deve contar isso aos brancos! Eles têm de saber que por causa da fumaça maléfica dessas coisas que eles tiram da terra estamos morrendo todos, uma atrás do outro!’ É o que agora estou tentando explicar aos brancos que se dispuseram a me escutar. Com isso, talvez fiquem mais sensatos? Porém, se continuarem seguindo esse caminho, é verdade, acabaremos todos morrendo. Isso já aconteceu com muitos outros habitantes da floresta nesta terra do Brasil, mas desta vez creio que nem mesmo os brancos irão sobreviver.” (KOPENAWA; ALBERT, 2015: 371-372).

A presença da lógica capitalista e consumista – que invade, interfere e não consegue manter relações éticas, simétricas e de alteridade com a terra, suas rochas, plantas, animais, rios e igarapés, - resulta no aparecimento de diversas doenças, provocadas por vírus, bactérias, fungos, insetos e animais, cuja manifestação encaixa-se pelo menos em três categorias: surto, epidemia e pandemia. No caso dos animais, muitos deles – como, por exemplo, o macaco ou cachorro, os quais podem ser considerados vetores – são, na verdade, vítimas tanto quanto o ser humano.

Em época apocalíptica causada pela Covid-19, é importante ressaltar que esta não é a primeira pandemia que atinge e tenta destruir os povos originários. Desde quando os europeus desembarcaram em nossos territórios, nós povos originários passamos a ser vítimas de diferentes pandemias: discriminação, preconceito, roubo, prática do ódio por meio de homicídio e etnocídio, religião, armas de fogo, política partidária, diversas doenças e a colonização. Ao longo dos anos essas formas de ação foram aprimoradas, adaptadas, qualificadas, ressignificadas e reaplicadas em

desfavor dos povos originários.

Depois da extinção de mais de 6 milhões de indígenas, segundo informa o saudoso antropólogo Darcy Ribeiro (1995), depois dos invasores terem contaminado os povos restantes, de terem roubado muitos de nossos valores materiais e imateriais, destaco a pandemia do etnocídio. Essa foi e continua sendo a pior delas, pois, além de nos matar fisicamente, matam também nossa identidade, nossa essência originária, aquilo que nos torna diferentes de outras pessoas. Porque aos olhos dessa sociedade etnocêntrica, preconceituosa e egoísta, ser diferente é sinônimo de ser inferior, pobre, simplório, ignorante e descartado. Diante dessas experiências amargas, fruto de uma relação assimétrica, desigual e de interesses opostos, conseguimos resistir e sobreviver, mesmo tendo em nossa memória feridas abertas que jamais vão se cicatrizar, simplesmente porque essas marcas fazem parte de um passado muito presente. Sobre isso, segue o que pensa Davi Kopenawa:

Os xapiri [ancestrais animais ou espíritos xamânicos que interagem com os xamãs de seu povo] são verdadeiramente muito numerosos. Eles não terminam nunca de vir até nós, sem número e sem fim. Eles são as imagens dos animais que habitam a floresta, com todos os seus filhotes [...], eles têm nomes de animais, mas são seres invisíveis que nunca morrem, que mesmo diante das epidemias do homem branco, que tenta devorá-los a qualquer custo, eles nunca desaparecerão” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 320).

A lógica capitalista que molda práticas está ativa nos processos de colonização, que se perpetuam na América Latina, refletindo bruscamente nas aldeias. O vírus se adere a essa lógica e a esses processos, de modo que as rupturas não são as mesmas para

todos, tendo em vista que o peso dessa pandemia em território dos povos originários ativa memórias de outros tempos de mortes em larga escala e do tempo cotidiano de mortes promovidas pela violência e descaso. Dessa forma, o movimento de defesa dos povos originários é permanente, e a Covid-19, por sua vez, em territórios desses povos, soma a tantos outros adoecimentos, invasões e destruições, nos fazendo lembrar das marcas deixadas pelo processo de colonização. Neste sentido, exige-se do Estado brasileiro o cumprimento de suas responsabilidades e uma escuta qualificada acerca do que pensam os povos originários.

Vários cientistas estão discutindo as causas, os efeitos e origem da pandemia da Covid-19, mas infelizmente isso é feito apenas sob a lente da ciência ocidental e, nessa medida, não oportuniza conhecer o que sabe e o que pensa a ciência indígena originária a respeito do assunto. Acredito que atitude como essa somente prejudica as pesquisas, uma vez que temos muito para contribuir, principalmente com nossa forma de pensar, de ser e estar no mundo. Partindo desta perspectiva, aquilo que os cientistas vêm chamando de aquecimento global, mudanças climáticas e mais recente de antropoceno, nós entendemos que seja a reação da natureza contra o “vírus humanos”, que vem modificando e destruindo a floresta com suas ações antrópicas, causando a escassez de muitas espécies fundamentais e necessárias para manutenção e existência do planeta. Ademais, desperta a fúria e a reação dos espíritos que habitam o cosmos contra aqueles que promovem esse e outros males.

Tais manifestações acontecem de formas peculiares. Por exemplo, para nós Apurinã, o mundo é plano e redondo. No meio, ele é sustentado por *Kakai Yotuwākataru* e nas beiradas por *Wenoweno hawite*. Ele roda e raspa no ombro de *Wenoweno hawite*. Onde *Wenoweno hawite* mora tudo é dominado pela água. A comi-

da que ela serve, a *Mayoueua Kosanatu*, é feita por encantos. Para tanto, uma explicação para os terremotos é que eles ocorrem quando *Kakai Yotuwākataru* muda o mundo de ombro. Segundo nossos *kywmâne* (sábios, detentores do saber), se os dois se cansarem, o mundo acaba (mais informações: Apurinã, 2019).

Segundo Costa (2009:133), para o povo Nambiquara esses desmoronamentos que hoje ocorrem com frequência em vários lugares do Brasil e do mundo, matando pessoas, deixando outras doentes e desabrigadas, são consequências das cavoucadas de um tatu mitológico, que atualmente se encontra dentro de seu território, localizado na cabeceira de um igarapé. Relembro aqui como Lourenço Kintihãulhu, do povo Nambiquara, mostrava-se indignado com a chegada das fazendas, agropecuárias e outros elementos levados pelos não-indígenas aos seus territórios, dizendo que os espíritos “estavam muito zangados e que, pelo barulho dos carros, caminhões, motores e muitas conversas, alguns não estavam mais ali”.

Num dos trechos da carta encaminhada a ex-presidenta Dilma Rousseff no ano de 2015, o povo Kisêdjê ressaltou:

[...] os brancos estão provocando os espíritos da natureza, estão destruindo todas as florestas e a natureza. E os espíritos não estão gostando disso, e já começaram a se vingar. Nós indígenas sabemos disso há muito tempo, mas somente agora os cientistas de vocês estão descobrindo essa verdade, chamando de mudanças climáticas (ASSOCIAÇÃO INDÍGENA KISÊDJÊ, 2015).

Durante a II Conferência da Ayahuasca sediada em Rio Branco no Acre, mês de outubro de 2016, pude ouvir do líder do povo Ashaninka, Benki Pyãko, algo que completa e reitera o que

foi dito por diferentes povos originários:

[...] todos os seres humanos, seja ele índio ou branco, têm a responsabilidade de cuidar e zelar pela criação de Pawa (demiurgo), principalmente da terra em que vivemos, porque é dela que retiramos o alimento, a água que bebemos, o ar e oxigênio que respiramos, sendo estes elementos vitais para nossa sobrevivência, mas o que temos visto nas últimas décadas, são pessoas querendo destruir tudo isso [...], mas não se enganem porque todos aqueles que estão causando esse sofrimento e destruição à natureza também serão destruídos por ela (PYÃKO, 2016).

Partindo do substrato dessas vozes singulares e sofisticadas, portanto, dignas de um conhecimento adquirido na natureza e não no banco de uma universidade, me arrisco a dizer que seja uma perda para as ciências ocidentais falar de mudanças climáticas, aquecimento global, antropoceno ou qualquer assunto dessa natureza somente pelo recorte do conhecimento científico dominante ocidental, sem ouvir os povos originários, os quais possuem uma lógica diferente de perceber e interagir no mundo.

Como registrado anteriormente, esses espaços são os lugares sagrados, são habitações dos nossos espíritos, dos pajés, dos espíritos guardiões, protetores da natureza. Os pajés habitam e são protetores desses lugares. Esses lugares estão sendo invadidos, destruídos e modificados de diferentes formas, por todos os lados e com bastante velocidade. A instalação de grandes empreendimentos, como hidrelétricas, rodovias e ferrovias, aparecem como os principais causadores de impactos, inclusive muitos deles de natureza irreversível ao meio ambiente e aos seus habitantes

Os responsáveis pela instalação desses empreendimentos

não levam em consideração os lugares que respeitamos e conservamos como o coração de nossos territórios. Eles desrespeitam os valores ancestrais e ontológicos que estão inscritos nas rochas, nos lagos, nos rios, barreiros, árvores, *kymyrury* e em seus habitantes. Não devemos esquecer que esses lugares são habitações de agências, muitas delas xamânicas, que são verdadeiros guardiões dotados de habilidades e faculdades capazes de causar doenças e até matar quem eles quiserem.

Por isso, para entrar e transitar por esses espaços é preciso pedir licença aos seus donos e guardiões. Além disso, é necessário submeter-se a algumas normas, cujas regras não estão atreladas às licenças fornecidas pelo IBAMA, que delibera e autoriza a construção de diferentes empreendimentos, os quais certamente destroem inúmeras vidas e espaços sagrados. Seres visíveis e invisíveis protegem esses lugares e nos protegem também, por isso são dignos de respeito, pois uma vez que não são respeitados, eles vão se vingar.

Segundo o indígena antropólogo João Paulo Barreto (2013, p.71), o espaço-terra, espaço-água, espaço-floresta e espaço-aéreo são as casas dos seres invisíveis (*wai-mahsã*), contudo, para fazer uso e mesmo circular por esses espaços (casas), os humanos precisam pedir “licença” a eles. Caso isso não seja feito, os *wai-mahsã* se voltam furiosos contra as pessoas podendo lhe causar doenças que podem levar à morte.

Meu pai me ensinou que *Tsura* criou o mundo e tudo que existe nele, pediu apenas para o ser humano cuidar e tirar da natureza somente o necessário para nossa sobrevivência e manutenção. Nossa espiritualidade e nossas responsabilidades definem nossos deveres, por isso acreditamos que o termo *governança* está substancialmente envolvido num pano de fundo que aglutina a espiritualidade e a responsabilidade por quem e por onde estamos.

Portanto, a Covid-19, assim como outras doenças e eventos destruidores, surge como uma reação da natureza e dos espíritos guardiões, pelo menos é assim que alguns sábios Apurinã fazem essa leitura. Por isso, enquanto o pai de todos os vírus, denominado “vírus humano”, não renunciar a sua ganância capitalista e consumista, passando por uma reciclagem cognitiva para entender que a humanidade não come e não respira usinas hidrelétricas, rodovias e ferrovias, tampouco dinheiro, essas catástrofes vão continuar existindo até o mundo se derreter por completo, e isso já está acontecendo em grande escala.

Partindo desta perspectiva, a Covid-19 é mais uma pandemia, que assim como as que foram mencionadas, vai matar muitas pessoas e deixar outras doentes e sequeladas. Quanto aos povos originários, continuarão resilientes a tudo e a todos, mas neste sentido, ser resiliente não é uma questão de escolha, mas de estratégia de sobrevivência para continuarmos existindo. Infelizmente a maioria dos gestores municipais, estaduais e federais estão aproveitando desse período pandêmico e da vulnerabilidade social dos povos originários para promover seus interesses particulares.

Com isso, são criados e implementados projetos e programas ditos emergenciais e destinados aos povos originários, sendo usado como principal discurso a frase: “São ações para garantir a autonomia e o protagonismo dos povos indígenas” (GOVERNO DO ACRE, 2018). Possivelmente essas pessoas não sabem o que significa autonomia, tampouco protagonismo, ou simplesmente continuam nos tratando como tutelados ou ignorantes. Como podemos ser autônomos e protagonistas se não participamos efetivamente da construção de projetos e suas ações? Muito menos de sua implementação? Como ser autônomo se nem o território onde moramos é nosso? Mesmo que tais territórios sejam tradicional-

mente ocupados pelos povos originários como garante a Constituição Federal de 1988.

No bojo das políticas públicas temos a saúde indígena diferenciada, que assim como a educação, não tem nada de diferente, apenas palavreados bonitos e convincentes que servem somente para constar em documentos e para promoção de algumas pessoas. Como acreditar nessa política que à primeira vista desconsidera a existência, a sabedoria e a capacidade dos *kusanaty*? Seres diplomatas do cosmos, responsáveis pela prevenção e cura das pessoas, bem como pela sociabilidade dos demais seres e conexão dos diversos mundos existentes.

Certamente se a política de saúde indígena funcionasse como funciona no papel e no discurso, seria mais fácil atravessar este período nebuloso causado pela coronavírus. Mas além da falta de medicamentos, equipamentos e insumos necessários, a desqualificação dos profissionais dessa área acirra os problemas. Para tanto, neste período sombrio, recorreremos a quem nos possibilitou superar todas as pandemias. Estou me referindo aos nossos valores materiais e imateriais que fazem parte de nossa identidade e essência originária, valores em forma de conhecimentos, que resultam de nossas medicinas tradicionais, que são repassados de uma geração para outra. É assim que estamos vencendo mais esta pandemia.

Em seguida veremos um depoimento por meio de diálogo presencial sobre a Covid-19 fornecido no dia 15 de abril de 2020 pelo tuxaua Umanary Apurinã, liderança da TI Camicuã:

Esse vírus é muito complicado, delicado. Sabemos que o mundo inteiro está contaminado, e, principalmente, no Brasil já também em todo estado, aqui, já está contaminado e aqui em Boca do Acre a gente tem um caso positivo

(no início de abril). Para nós, povos indígenas, esse vírus é muito ameaçador porque hoje a gente está vendo muita morte, né? Até porque ainda não tem remédio, não tem vacina, é uma preocupação. É muito grande e muito delicado para nós, povos indígenas. Apesar de que a gente tem uma saúde diferenciada, temos um polo base, temos um distrito especial. Hoje, o polo base esteve aqui na comunidade porque eu cobrei da coordenadora que a equipe de saúde indígena, poderia, deveria estar aqui, dando uma orientação como se prevenir em todas a aldeia aonde ela trabalha. Isso está na lei, né? Isso realmente é tarefa do governo e está na lei, está na política da saúde indígena, os serviços de saúde precisam fazer o trabalho deles, sobre como conscientizar a comunidade, como fazer higiene na alimentação evitar de também de estar transmitindo para outras pessoas. Então, a gente hoje teve uma reunião com o pessoal polo base porque eu pedi à coordenadora, enviei a eles uma solicitação para ir à aldeia e eles vieram. Então, eles não estavam todos lá, a comunidade toda. Mas valeu a pena, o pessoal que se reuniu, a gente explicou para eles como é esse vírus, como ele se espalha. E tiramos um encaminhamento dessa reunião. Falamos que não poderíamos estar recebendo ninguém, né? Nas comunidades, pessoas estranhas não podem entrar, somente o pessoal da saúde, o médico, enfermeiro e também da FUNAI, né? E quanto o resto a gente poderia fechar as entradas e estamos fechando, né? E fechamos a entrada para pessoas estranhas, também pedimos para os parentes que não fossem muito para a cidade, só em caso de emergência, né? E hoje a gente está sofrendo, já está sofrendo o impacto porque os parentes que têm produto para vender na cidade já não estão podendo mais ir, estão com medo. E quando eles vão

até a cidade, fazem isso porque precisam mesmo. Para vender a farinha, o açaí, que é época do açaí e os parentes que não têm renda, vivem disso, dos produtos naturais e a gente sentiu esse impacto. Eu preciso, a gente precisa fazer uma campanha aí, não sei como... se falando com o governo, mas está todo suspenso. O trabalho, né? Por exemplo, a FUNAI. Conversando com a coordenadora do Purus, ela me retornou dizendo que estão suspensas as atividades da FUNAI. Então, não tem como a gente fazer nossa atividade. Em nosso trabalho. E a SESAI também está suspensa. Todos, todos os órgãos estão suspensos e no município é aquela coisa, né? O Governo Municipal, ele não tem ação, planejamento, se tem é para o povo dele lá da cidade, mas pra nós povos indígenas, nós não estamos tendo assim esclarecimento, apoio de material de higiene. Que poderia está sendo doando esse material pelo governo como luva, máscara e álcool e álcool em gel, água sanitária, isso é o papel do Governo Federal ou o Governo Municipal. Eles deveriam estar distribuindo esse material nas comunidades. Esse vírus é muito perigoso. Então, para finalizar, você sabe que no ano passado a gente já teve duas epidemias, né? Gripe, sarampo, antigamente na época dos nossos pais, dos nossos avós, e eles não resistiram o homem branco quando entrou na nas aldeias, nas terras indígenas, trouxe esse vírus que quase exterminou o nosso povo. Esse é o cuidado que a gente tá tendo, né?

Um deslocamento, um tremor necessário, principalmente nesse período tão obscuro que atravessamos. É imprescindível conhecermos explicações do mundo a partir de outras epistemologias, cosmologias e ainda, ontologias. Neste sentido, almejo que essas palavras nos permitam refletir e abrir uma janela de possi-

bilidades para que os cientistas e demais pesquisadores com seus estudos científicos e ciências ocidentais, ditas dominantes, passem a ouvir também o que os povos originários têm a dizer com sua ciência sobre este e outros assuntos que estão assolando o planeta.

Notas:

1. Conferência proferida ao Laboratório Matula, realizada em 18 de abril de 2020.
2. Usarei neste texto o termo “povos originário” quando me reportar ao povo Apurinã ou a qualquer outro povo indígena, pois acredito que o apelido “indígena”, resultado de um equívoco histórico, ressoa negativamente e nos coloca numa situação de inferioridade, incapacidade e outros estereótipos comumente utilizados pela sociedade ocidental.
3. *Kusanaty* ou *myyty* é como nós Apurinã tradicionalmente nos reportamos ao pajé ou xamã. Neste texto, usarei esse primeiro etnônimo.
4. *Katãwiry* é pai de Francisco Apurinã, seu principal e maior interlocutor, responsável pelas conquistas profissionais e acadêmicas de seu filho. Em 14 de agosto de 2019, *Katãwiry* atravessou para o outro lado do rio, se encantou e foi habitar outros mundos, terras e lugares, inclusive esta terra em que protege os seus.
5. Tsura, foi o responsável pela criação do mundo e de tudo que existe nele, incluindo os humanos e não-humanos, por isso, é considerado para nós Apurinã, como deus e Jesus por analogia ao cristianismo.

Referências:

AIK – Associação Indígena Kisêdjê. *Carta em Desfavor da Aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC/215)*. Canarana-MT, Brasil, 2015.

APURINÃ. Umanary. *Depoimento presencial sobre a Covid-19*. Terra Indígena Camicuã, Boca do Acre, abril de 2020.

BARRETO, João Paulo Lima. *Wai-Mahsã: peixes e humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena*. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

COSTA, Anna Maria F. Moreira da. *O homem algodão: uma etno-história nambiquara*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009.

GOVERNO DO ESTADO DO ACRE. Boletim Sesacre deste domingo, 19, sobre o coronavírus. Governo capacita gestores municipais da cultura para execução da Lei Aldir Blanc. Fevereiro, Rio Branco.

KOPENAWA [YANOMANI], Davi; BRUCE, Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PYÃKO, Benki. *II Conferência da Ayahuasca*, Campus da Universidade Federal do Acre. Rio Branco no Acre, mês de outubro de 2016.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.